



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 11

SETEMBRO - OUTUBRO 1993

EDITORIAL

A vida do homem é um constante caminhar. Inicia seu trajeto ao ensaiar os primeiros passos e, aos poucos, ambienta-se na estrada, palmilhando lentamente a escadaria do tempo, vencendo as intempéries e borrascas que assolam os que sobrevivem. Mas, apesar de tudo e talvez por isso mesmo, persevera em sua luta e enfrenta com bravura os escolhos que lhe impeçilham a caminhada e vai avante, sobranceiro, arrostando os entraves e tropeços que surgirem - e como surgem! - no pelejar diuturno. E prossegue, pois vislumbra na linha do horizonte um ponto luminoso que o impulsiona: a esperança.

Não vê, por isso, razão para pessimismos, próprios dos ante-vencidos, buscando ser panglossiano para procurar viver no melhor dos mundos possíveis e sempre pensando que as agruras de hoje nada mais são que fiapos obstaculares. O sofrimento momentâneo é a bonança do amanhã e à proporção que as horas se submetem aos ponteiros do relógio da vida, explui a todo instante o verde risonho a emoldurar tudo e todos.

A esperança é a pedra de toque de todas as nossas aspirações e com ela, no imo do peito, o ser humano encontra forças para olhar de frente os tormentos, dores, desenganos, mágoas, inerentes à essência da matéria. Porque viver tem em si, como provação, o fel das amarguras e se não fora a esperança, seria difícil aceitar as vicissitudes. Daí por que devemos ter, permanentemente, a certeza de que nunca faltará ânimo para encetar novos rumos, procurando na realização dos sonhos - pois sonhar não tem idade e o tempo não pesa - uma forma de ser e de cumprir com os ônus assumidos. O tempo então não vige e significa apenas uma etapa a permitir visualizar esperançoso os dias que virão.

Oyama Ituassú

Vilancete dos três rios

ELSON FARIAS

*Um remanso de panema
poesia nada pequena.
Entre rios, encachoeirado,
desce entre um delta intrincado,
desce vazio de peixe
desce deserto de pássaros,
é rouxinol de sonora
glória maior que a dos homens,
Rio Negro mar de estrelas
quando a noite vem sem lua
e corre a igara serena,
um remanso de panema
poesia nada pequena.*

*Já outro é de festa intensa
e de compleição imensa,
rico de peixes e povo
de pássaros sempre novo,
a cada dia que passe,
a cada dia que vença
Solimões rio que desce
sob o sol duro, dourado,
ao som de uma brisa amena
um remanso de panema
poesia nada pequena
Depois os dois se debruçam
amplos sob um palco aberto
celebram o eterno anelo
das águas negras, deságuas
e das águas amarelas,
misturam-se após o diálogo
amazônico, Amazonas
mar dulce em delta de amargo
sobre o mar, canção suprema,
um remanso de panema
poesia nada pequena.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

Intelectuais longevos

PADRE NONATO PINHEIRO

Um dos meus professores no Seminário Maior foi o padre José Bonifácio Leite, mineiro de soberba cultura e altas letras. Aprazia-se em conversar comigo, em francês, durante as recreações. Declarou-me um dia: "Manifesto-lhe uma íntima convicção minha. Uma intensa vida mental é fator ponderável de **longevidade**."

Guardei a observação do padre Leite e tenho exemplos eloqüentes dessa assertiva. Começemos pela Academia Brasileira de Letras. É incrível a longevidade fecunda do acadêmico Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Ele nasceu a 22 de janeiro de 1897, completou 96 anos. Recentemente, a 1º de agosto do corrente, li no "Jornal do Brasil" um excelente artigo de Barbosa Lima Sobrinho, titulado "À Margem da Oração aos Moços". Cintilação do começo ao fim. Em cada frase, um lampejo! Ninguém daria 96 anos ao brilhante intelectual.

Outro intelectual longevo é Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras. No próximo dia 28 de setembro completará 95 anos, uma vez que nasceu em 1898. Raquel de Queiroz é de 1910. Vai completar no próximo dia 17 de novembro 83 anos. A autora de "O Quinze" está lúida e lampeira em sua brilhante longevidade. Meu amigo Josué Montello completou no passado dia 21 de agosto 76 anos. Talvez seja a caneta mais fecunda e

lampejante da Casa de Machado de Assis. Jorge Amado completou a 10 do corrente 81 anos e ainda produz.

Passemos à Academia Amazonense de Letras. O professor Agnello Bittencourt faleceu aos 99 anos, chegando quase ao centenário. era uma abelha industriosa. Foi uma figura viva daquele ex-libris que representa uma abelha com a legenda latina "vis mea in labore" (minha energia está no trabalho). Alfredo da Mata, outro sol da Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, faleceu aos 84 anos. Meu confrade Mário Ypiranga Monteiro tem 84 anos e está em pleno vigor físico e mental, com lucidez e dinamismo raros, honrando nossa cultura. Arthur Reis faleceu octogenário e teve uma atividade mental extraordinária. O saudoso desembargador Manuel Anísio Jobim, em cuja luminosa presidência ingressei no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, em 1948, antes de ingressar na Academia, foi um intelectual de forte criatividade, deixando obras memoráveis (94 anos).

Na Igreja, poderia citar exemplos numerosos. Por amor à brevidade, basta o nome fulgentíssimo do Papa Leão XIII, o grande Papa da "Rerum Novarum", que morreu nonagenário. Escreveu muitas Encíclicas. Primoroso latinista, deixou poemas belíssimos na língua de Cícero e Virgílio. Anísio Jobim, citado agora mesmo, teve a amabilidade de oferecer-me o "Cancioneiro de Leão XIII" com seus melhores poemas latinos. Em matéria de

Questão Social, todos os Papas Ihe foram caudatários. Quando do 40º aniversário da Encíclica "Rerum Novarum", que é de 1891, Pio XI (onze) publicou sua magistral "Quadragesimo Anno" (1941). Pelo cinquentenário e sexagenário, Pio XII (doze) divulgou duas Mensagens Radiofônicas. Pelos 70 anos da "Rerum Novarum", João XXIII publicou sua bela Encíclica "Mater et Magistra". Pelo octogenário, tivemos uma bela Encíclica, de Paulo VI. Finalmente, pelos 90 anos, João Paulo II deu à estampa a "Laborem Exercens"; e, pelo centenário da "Rerum Novarum", tivemos, do mesmo Papa reinante, a "Centesimus Annus". Eis aí: todos caudatários, sem nenhum desdouro, do imortal Pontífice, fundador da Diocese do Amazonas.

Graças a Deus, herdei de meus pais muito amor aos livros e ao culto das letras. Quando tomei posse na Academia Amazonense de Letras, a 10 de janeiro de 1950, tive a emoção de ouvir do imortal presidente Péricles Moraes, em suas palavras de abertura da solenidade, estas confortadoras palavras: "Nunca ninguém vos surpreendeu, em canto nenhum, nem sequer nas ruas, **sem um livro na mão**". Foi o maior elogio que já em vida recebi!

Volto ao padre Leite. Uma intensa vida mental é fator de longevidade. Já passei de um ano o limite bíblico da vida humana, 70 anos, segundo o salmista: "Summa annorum nostrorum sunt septuaginta anni" (De setenta anos é a duração dos nossos anos). O que desejo é manter minha lucidez mental até o fim. Como invejo os intelectuais longevos que morreram lúcidos, irradiando fulgores, como o sol, que sucumbe ao ocaso de hemoptise, tingindo de sangue o algodão das nuvens, sepultando-se num túmulo de ourivesaria, de ouro, rubi e ametista fulgurantes!...

NOTAS ACADÊMICAS

- O mês de setembro é fértil em eventos acadêmicos. Pois nele estamos festejando vários natalícios. No dia 8 aniversariou Otávio Mourão, a 14 Violeta Branca, a 21 Alencar e Silva e Oyama Ituassú e a 24 Waldemar Salles, que receberam as felicitações de seus confrades.

- Em assembléia geral realizada no dia 04 de setembro, a Academia alegou os candidatos Moacir Couto de Andrade para a ca-

deira nº 2, cujo patrono é Euclides da Cunha; Rosa Mendonça de Brito para a cadeira nº 06, patrono Adriano Jorge e Arlindo Augusto dos Santos Porto para ocupar a cadeira nº 35, tendo como patrono D. Frederico Costa.

Foram designados para receber os eleitos os acadêmicos João Crisostomo de Oliveira, Padre Nonato Pinheiro e José Bernardo Cabral, respectivamente. As posses acontecerão ainda neste ano, por desejo expresso dos novos membros do sodalicio.

- Aconteceu no dia 9 de setembro, às 18 horas, o lançamento do romance "Terra de Deus", de autoria da dra. Luciana Barbosa Nobre, Presidente do Cenáculo

Brasileiro de Artes. À solenidade compareceu grande número de acadêmicos, sendo a escritora saudada pelo acadêmico Max Carpentier, usando da palavra também o acadêmico João Crisostomo de Oliveira. O Presidente Oyama Ituassú foi condecorado com a Medalha Olavo Bilac e em ligeiras palavras agradeceu sensibilizado a comenda.

- No dia 3 de mesmo mês, em sessão solene, a Academia deu posse ao acadêmico eleito Antístenes Pinto, perante numerosa assistência que veio prestigiar o ato. O discurso do eleito foi eloquente e longamente aplaudido, assim como a brilhante oração do acadêmico Elson Farias, que o recebeu em nome do sodalicio.

Subsídios pró-história: “A Fotografia em Manaus”

MANOEL BASTOS LIRA

Voltamos hoje, trazendo novidades para que possamos melhor avaliar o crescimento de nossa Manaus. Os subsídios que vamos colocar, à disposição dos historiadores modernos, dizem respeito ao estabelecimento das fotografias, ou seja, do atelier, onde se tiravam os chamados 'retratos'.

Sentiremos além, não somente a antiguidade destas, mas o seu preparo ou aparelhamento. Geralmente, o atelier era também chamado de 'galeria' não porque ali se apresentassem os retratos mas, por ser uma oficina onde um jogo de cortinas de pano branco, bem deslizantes no seu telhado de vidro e num dos seus lados, igualmente envidraçados, permitia ao profissional o controle da luz para obter os efeitos que sua arte exigia. Nas galerias existiam também, telões ou "fundos" reproduzindo em tamanho natural, vários aspectos da natureza que deveriam preencher o retrato, além de mobílias com cadeiras estilizadas e outros objetos das salas comuns. Nós guardamos algumas destas peças. Não será demais porque todos a nós conhecemos o afirmar que toda família Lira nasceu numa fotografia.

E, deste modo, estes subsídios representam para nós, tão-somente, uma exposição de nossa própria vida.

A Fotografia em Manaus nasceu na rua Marçílio Dias, instalada no prédio de nº 20, pouco antes de chegar à Praça da Polícia, onde hoje há uma loja da Zona Franca, da firma Bemol.

Era a Fotografia Lira, pertencente a um espanhol da Galícia, de Porriño, perto de Pontevedra, tio de meu pai Manuel Rodriguez Lira, por parte de sua mãe. Francisco Cândido Lira era seu nome. Em uma das suas viagens ao seu país natal, trouxe de lá nosso pai que veio até Manaus, com apenas 13 anos de idade. Estudou português no velho Liceu que existiu onde hoje se localiza o Banco do Brasil da Praça 15.

O anúncio que transcrevemos neste subsídio afirma: Francisco Cândido Lira é o mais antigo fotógrafo que existe nesta Capital (Manaus)... Este anúncio foi retirado do Almack do Amazonas para o ano de 1896 da lavra de Augusto Celso de Menezes.

Depois de casado com a filha do fundador de Benjamin Constant (Remate de Males) Alfredo Augusto de Oliveira Bastos, nossa mãe, Deolinda Bastos Lira (então com 18 anos), meu pai, aos 23 anos, assumiu a liderança fotográfica.

Francisco Cândido Lira permaneceu algum tempo com a Fotografia da Marçílio Dias 20. Depois de liquidar seus negócios em Manaus onde tinha muitos e bons imóveis, passou-a ao sobrinho Manuel Rodriguez Lira, embarcando, em seguida para o sul do país, mais precisamente para o Rio de Janeiro.

Aí por volta de 1940 encontramos um dos seus filhos, nosso primo portanto, como gerente da Casa de Sapatos "Polar", do lado do "gazeteiro" estatueta da Avenida Getúlio Vargas, no Rio.

Apresentamo-nos ao parente que ficou conhecendo parte de sua história na sua terra: Manaus, com o que muito se exultou. Soubemos então que nosso avô paterno João Francisco Antônio Rodriguez, da magistratura espanhola, falecera em 1929.

Meu pai tomou a orientação de seu sogro, meu avô, o velho Bastos, que mantinha então uma frota de lanchas e batelões, estes, dos quais era agente por aqui. Seus motores de pópa de fabricação francesa, dos quais era agente por aqui. Meus tios Alfredo e Emílio eram capacitados comandantes da flotilha. Emílio esteve, por Manaus, onde, ainda residem familiares seus. Foi o comandante do rebocador "ARANHA" de Manaos Harbour Ltd. Lira, meu pai, começou a espalhar seus estúdios fotográficos por toda a planície, aliás, por onde as lanchas do sogro singravam. Em Belém do Pará associou-se a Fidanza e montou, na avenida ali, na vizinhança do Largo da Pólvora, a Fotografia Fidanza e Lira.

Em Manaus, ficou com a velha Fotografia do tio, na Marçílio Dias.

Anos depois, Lira foi à sua terra e lá procurou um profissional gravador para fazer clichês para poder estampar revistas e jornais. Isto, porque não existia em Manaus, a possibilidade de fazer clichês para ilustrar seus poucos jornais e revistas.

Ocorreu que, nesse meio tempo, a Tipografia "Cá e Lá", dos Menezes (Aprigio, Olimpio etc.) que ficava ali na Joaquim Sarmiento onde, hoje, está a Tipografia Sérgio Cardoso (que trabalhava na "Cá e Lá") se antecipou e fez uma gravação para sua revista e para os outros. Claro que Manaus, com dois ou três jornais, se tanto, não daria para duas gravadoras.

Sobrou então o profissional que Lira contratou na Espanha, em Barcelona: o fotógrafo espanhol (Aragonês) Victoriano Gil Ruiz. Não houve para Lira outro recurso senão aproveitar as viagens do sogro para Iquitos, Peru e lá montar uma Fotografia nova com o Gil Ruiz já que este, seria fácil viver ali, pois o espanhol, sua língua, se fala no Peru.

De volta desta empreitada, Lira fez uma Fotografia viva, na Avenida Eduardo Ribeiro, defronte do "Jornal do Comércio", entre uma casa de móveis e o "Colégio Pestalozzi" da família Ferreira. Nesta Fotografia, passou a utilizar equipamento leve para apanhar fotos de rua. Aliás, Lira adquirira a máquina inglesa Sanderson já visando obter fotos para a clicheira dos jornais e revistas e o seu programa não "fosse por água abaixo". Com esta máquina fazia redas, reportagens como agora se acostuma chamar.

Foi contratado, pela firma J. G. Araújo e Cia., e uma das suas primeiras missões, foi a de acompanhar, fotografando, o movimento revolucionário de 1924. Ele e sua Sanderson, com uma escada apropriada, foram os elementos que fixaram Ribeiro Júnior, Magalhães Barata etc, etc...

Uma das fotos mais interessantes destes momentos foi a que obteve na frente do Palácio Rio Negro, quando de sua escada externa, Ribeiro Júnior recebia uma das muitas manifestações e discursava Coriolano Durval afirmando: oh, Doce Jesus de Minha destina terra...

Vale dizer-se aqui que o Comendador J. G. apoiava a revolução e reverenciava seus organizadores. Lira, desde este momento passou a ser fotógrafo da firma. Trabalhava em sua "galeria" da Avenida e no porão da casa na Praça São Sebastião, onde morava o Comendador e seu filho Agesislau de Araújo montara seu laboratório fotográfico.

Chegara a Manaus (1925) para uma grande expedição científica no Amazonas, Alexandre Hamilton Rice que, nesta sua comitiva, trazia muitos elementos de alto valor científico. Um deles era o capitão da USAF, A. W. Stevens que, segundo o jornalista Raimundo Nonato Pinheiro, (pai dos nossos amigos, Padre Raimundo Nonato Pinheiro e historiador, Geraldo M. Pinheiro), que, pelas colunas do Jornal do povo (de Manaus, 14 de agosto de 1924), diz-nos: "Stevens" é o melhor fotógrafo aviador dos Estados Unidos. Em chegando a Manaus deparou-se com a falta de uma oficina fotográfica indispensável para o processado do hidravião, através de uma máquina marca Carlos Zeiss. Recorreram ao laboratório fotográfico de Agesislau Araújo, onde nosso pai ajudou-o no tratamento de seus negativos e ajudando-os em papel.

Como ocorrera em tempos de fotografia pioneira cujos auxiliares foram os que fotografaram a viagem do Conde D'Eu ao alto rio Negro, foi, pelo comendador J. G. Araújo, grande amigo dos Capuchinhos de S. Sebastião, incumbido de tirar fotografias na Missão Capuchinha do alto Solimões, acompanhando Monsenhor Evangelista de Cefalônia, seu 1º prefeito apostólico. Entre as fotografias tiradas nesta ocasião, por Manuel Rodriguez Lira, há uma coleção destinada a registrar a célebre "Festa da Moça Nova" com que os índios Tucanos festejavam o surgir de uma menina-moça.

Com a morte de nossa mãe, Deolinda Bastos Lira, em 1929, nosso pai fechou a sua Fotografia da Avenida Eduardo Ribeiro e, em sociedade com a firma J. G. Araújo e Cia., ergueu mais abaixo, nessa mesma avenida, entre a "Garagem Americana" do alemão Johannes Buhler e o bilhar Café da paz, a Fotografia "Manaus-Arte".

Quando encerraram suas atividades, Manuel Rodriguez Lira reabriu sua Fotografia, na Avenida 7 de Setembro 91, onde, antigamente, funcionava uma sapataria chamada "Bota Inglesa", entre a Papelaria Palácio Real de Cesar Cavalcante e Cia. e a Loja do "Chico Preto". Foi nesta localidade que a morte o levou (1944). E, assim, terminou a Fotografia Lira, a sua peregrinação de 57 anos, pelo Amazonas.

Para que se possa avaliar quem eram os "Lira Fotógrafos" ou seja, o tio de meu pai Francisco Cândido Lira, o primeiro fotógrafo em Manaus, e Manuel Rodriguez Lira, seu sobrinho e, seu continuador, publicamos um quadro que data de 1898, tirado, na Fotografia da Marçílio Dias 20, quando do seu casamento. Ressaltamos que nesta ocasião o fotógrafo se incumbia também da confecção do material sensível que usava. Assim o papel da fotografia, em questão, era o albuminado e o negativo, era uma placa negativa ao Colódio. A ampliação era obtida através de ampliador armatizado também, pelo fotógrafo com uma das suas máquinas de fole e colocado em uma das portas do quarto escuro que podia ser iluminado

Um discurso de Professor Emérito, proferido pelo acadêmico Manoel Bastos Lira

Magnífico Reitor, Professor Marcus Luiz Barroso Barros, Coseilheiros Universitários

Colegas, Professores da Faculdade de Ciências da Saúde Minhas senhoras, Meus senhores:

Devemos exordiar, um pouco, com uma súplica, um resumo ligeiro de nossa vida, de nossa caminhada pelo mundo em tórrida.

A este propósito, nos lembramos, de ter lido, em Revista Universitária, "gadcha aliás", um artigo da colega Maria Aparecida Pouchet Campos. Realmente, por ter, aspectos semelhantes com o nosso miudear (por isto o esguardamos), vamos mencioná-lo: "O homem escolhe para si mesmo, no mundo, o quadro de seu desenvolvimento, ou melhor, o centro de suas perspectivas". A posição, uma vez escolhida, precisa ser mantida, cabendo à própria humanidade a aplicação de meios que lhe permitam ter, no universo, o lugar e o modo de viver adotados.

Pertencemos a uma civilização, mas, paradoxalmente, é de nossa própria existência que essa civilização depende. Se falharmos na solução adequada de fatores do progresso, cairá, por terra, uma forma de cultura, na repetição milenar da história de todas as idades.

Dissemos acima, que nos consideramos abrangidos por estes conceitos. E não nos iludimos, tão pouco, pretendemos burlar alguém. Vamos pois, ao porquê assim pensamos.

Amigos nossos, não podemos negar, foram, como que pré-requisitos que nos puzeram no renque em que nos descobristes.

Pedro Ghislandi, foi o pioneiro destes, a nos apresentar as condições para comermos a ensinar. Com dois anos de ter saído de seu Colégio D.Bosco, como bacharel em Ciências e Letras, entregou-nos sua disciplina ali, para que continuássemos a ensiná-la.

Ghislandi, abrafa, para nós o que passamos

com a luz do sol através do reflexo especular (por espelho).

O quadro em questão está no salão da minha residência, Avenida Joaquim Nabuco, 1551, acessível a quem quiser vê-lo. A fotografia que serviu à nossa reprodução articular foi obtida por Eledilson Colares, aluno no curso de Comunicação da nossa Universidade. Os papéis fotográficos fabricados surgiram ao redor dos anos 1915. Tinham as marcas Mimosas de origem alemã e Illingwort, inglês (Thomas Illingwort & Cia Ltda. Willesben Londres), deste material foi Manuel Rodriguez Lira seu agente por muitos anos até mesmo quando da "Manaus-Arte".

No retoque das ampliações da Fotografia Lira, trabalhava um maranhense, irmão do pintor das alegorias da cúpula do nosso Teatro Amazonas, chamava-se também Amaral. Depois associou-se ao alemão Huhner e montaram a fotografia Alemã de Huhner e Amaral, na Avenida Eduardo Ribeiro, ao lado do Cinema Odeon.

Seus seguidores nas ampliações da Foto Lira foram Roque Falconete e Faustinião Fonseca.

a denominar: "Porta da Confiança". Isto em 1932. Tinhamos então, 21 anos.

Desde este momento, até hoje, continuamos a estudar, a transmitir os nossos conhecimentos a todos que deles necessitam.

Por outro lado, nunca nos esquivamos a ajudar, a desenvolver mesmo, a estrutura capaz de promover o que a cultura indicava, como importante "conditio sine qua non" diriam os romanos, para o desenvolvimento desta nossa terra, deste Amazonas.

Podemos afirmar, sem receio a dúvidas, que todos os estabelecimentos de ensino, desta Manaus, tiveram o nosso auxílio quando o solicitaram.

Com este desprezencioso afã vicejaram não somente os cursos secundários, onde, entramos concursados, mas, especialmente, as instituições de ensino superior e da pesquisa científica.

Isto, afirmamos, não nos levou a ensobrecer ao expresso.

Agora, sim, aqui, com a presença, neste ambiente conselheiral universitário, dos nossos antigos discípulos - médicos, farmacêuticos, químicos etc - não podemos negá-lo. Realmente, estou envaidecido, por ter podido comprovar, às mancheias, que não fomos utopistas, muito menos, egoístas dos nossos conhecimentos e de nossa profissão. Além, vêmos ainda, que fomos na realidade, úteis à humanidade e, sem dúvida alguma, aos nossos compatriotas.

A honraria merecida hoje, ficará, para sempre, inscrita em nossa assinatura.

Recebei, Magnífico Reitor, vosso Conselho Universitário, professores do Curso de Farmácia e Bioquímica, também, dos outros cursos da Faculdade de Ciências da Saúde, Conselheiros do Regional CRF-22, Colegas, Farmacêuticos e demais universitários, RECEBEI disse, nosso sincero cordial abraço,

UMA CERTA ARAGEM

JORGE TUFIC

Em que ponto do Universo eu estou agora? Com que forças me relaciono? A roupa que visto cai-me adequada, confortável e relaxante? Sinto-me em paz com os matizes obíquos da luz e das aves que migram? Que vento me bate no rosto? Um forte cheiro de gases que escapam da descarga de um caminhão, a presença dessa máquina e a curiosidade do motorista, porventura me perturbam?

A temperatura ambiente é amena. Com a brisa que passa, ela tende a ficar ameníssima. A maioria das perguntas que me fiz, certamente já não precisam de resposta. Essa calma dentro do mundo está dentro de mim. Paro, e contemplo. O mínimo ponto que sou, parece determinado. Há um sistema de forças realmente zero e poderoso, que a tudo subjugua, orienta e relaciona. Talvez uma escala onde múltiplas escalas e valores se entrelaçam.

A mim, portanto, curiosa aparição de um momento solar, eu me concedo o grau destas horas da tarde. Estou debaixo de uma árvore cujos galhos tocaram, por um breve segundo, a finíssima luz de um cometa perdido...

AMAZÔNIA, Conspiração e Besteiro

JEFFERSON PÉRES

O nível de boa parte das nossas elites dirigentes pode ser medido pelos pronunciamentos a respeito de temas amazônicos. Salvo algumas excessões, toda vez que os ouço ou leio fico oscilando entre o tédio e o espanto. Tédio pela mediocridade da retórica vazia; espanto pelo grau gigantesco de desinformação. Fico pasmado ao verificar que até mesmo pessoas supostamente intelectualizadas não conseguem livrar-se de três vícios letais à capacidade analítica. Primeiro, o provincianismo que não permite enxergar além dos limites parquiais; segundo, o passionalismo que impede o julgamento isento e sereno; e, finalmente, terceiro, o ilogicismo que inibe o desenvolvimento de um raciocínio capaz de estabelecer uma simples relação de causa e efeito.

Prevalece, amplamente dominante, a "tese conspiratória", segundo a qual a cobiça de países do Primeiro Mundo pelas nossas riquezas uniu governos e empresas multinacionais numa sinistra conspiração para se apossarem desses recursos, se necessário pela força e mediante a internacionalização, via Organização das Nações Unidas.

Uma tese tão sedutora quanto falsa. Como lastro, seus defensores recorrem ao "achismo", vale dizer, opiniões de autores, de ontem e de hoje, que acham isso; ou mencionam fatos ocorridos em outro contexto, até mesmo no século passado, sem nenhuma aplicação no mundo atual; ou citam episódios recentes, irrelevantes, aos quais atribuem importância desmesurada; ou, finalmente, os protestos freqüentes de jornais e entidades estrangeiras, que não passariam de agentes engajados nessa vasta e bem orquestrada conspiração.

Não seria de surpreender que muitos acreditassem nisso. Espantoso é que seja aceita quase à unanimidade, a qual costuma ser burra, como dizia sarcasticamente Néelson Rodrigues. Curiosíssima essa unanimidade, porque as duas correntes contrárias (desenvolvimento x ambientalistas) acusam-se mutuamente de estarem a serviço dessa conspiração, por motivos opostos(?). Assim, os desenvolvimentistas serviriam a multinacionais interessadas em explorar as nossas riquezas, enquanto os ambientalistas serviriam também a multina-

cionais interessadas, ao inverso, em impedir que o Brasil explore essas riquezas. Como se vê, um autêntico samba de crioulo doido, sem o menor sentido, mas que até pessoas sensatas e inteligentes parecem aceitar, sem qualquer esforço de análise.

Todos teriam uma visão mais clara da realidade, e diriam menos bobagens, se conhecessem melhor a natureza e o papel, nos países do Primeiro Mundo, das chamadas Organizações Não-Governamentais (as ONGs). Enganam-se redondamente ao supor que essas entidades são financiadas ou estão a serviço de governos ou de empresas. Nem uma coisa nem outra. São associações civis autônomas, muitas delas tão ciosas de sua independência que sequer aceitam ajudas governamentais ou empresarias, vivendo das contribuições de milhares de associados, que lhes asseguram orçamentos anuais de milhões de dólares. Em seu fervor missionário não poupam ninguém, a começar pelos governos e empresas de seus próprios países, alvos freqüentes de seus protestos. Seu enorme poder de fogo decorre da agressividade de seus ati-

vistas e da grande penetração que possuem na mídia americana e européia. Podem ser tudo - exibicionistas, maníacos, fanáticos - menos mercenários. Agentes de sinistras conspirações? Só pode acusá-los disso quem ainda acredita em assombrações ou pretende fazer sensacionalismo.

Mas a inconsistência da "tese conspiratória" torna-se ainda mais evidente se considerarmos a inexistência da alegada motivação econômica. A maioria das pessoas ainda não se deu conta que vivemos uma Terceira Revolução Industrial, na qual a pos-

se das fontes de matérias-primas já não tem qualquer importância. Hoje, a pujança de um país depende de capital humano, ciência, tecnologia e comércio. Nos últimos cinquenta anos vários países provaram que podem ser grandes praticamente sem explorar minerais, em seus territórios ou em terceiros países. Por exemplo, a Alemanha. Não apenas seu subsolo é pobre, como também quase não possui multinacionais de mineração operando em países do Terceiro Mundo. Por isso, igualmente para os Estados Unidos, há muito tempo

deixou de ser vital a posse de jazidas minerais ou de recursos biológicos. Para o parque industrial daquele país é irrelevante se as matérias-primas que consome são produzidas por empresas americanas ou estrangeiras. Incrível como coisa tão simples não entra na cabeça dura de tanta gente.

Em conclusão, as fronteiras da Amazônia brasileira precisam realmente ser ocupadas e guardadas, por muitos motivos. Nunca por causa de uma fantástica conspiração internacional. Isso é puro besteiro.

Brasil é garroteado pela hipocrisia internacional

CARLOS DE ARAÚJO LIMA

Confesso que estou ardendo de raiva. Pororocando indignação. A calhordice das nações grandes, todas elas empenhadas em desmoralizar, desfibrar, anemizar, destruir a vitalidade como povo e como nação, do Brasil. Há toda uma máquina de mídia internacional e outra, interna, sordida, comprada e instalada no Brasil, para a finalidade única de reduzi-lo àquele ponto em que não cabe mais força para um grito, alento para um protesto. A evidência desse complô contra nós é de tal monta que só um cego não vê. Tudo cabe na imaginação criativa desses interessados na desmontagem e desmobilização nacional. Até, por vias transversas, aliciar garimpeiros para matar lanomâmis. Vê bem, lanomâmis, os indígenas que já têm terras demarcadas - um erro grosseiro, leviano do nosso Governo - e o que é mais, montados que estão no direito a uma quantidade sem conta de ouro e minérios de toda natureza! Claro - o que se impõe no interesse da proteção a esses nossos irmãozinhos, em nome dos direitos humanos é que, sob

a supervisão da ONU, eles possam viver em paz, auferindo os seus direitos administrativos por gente desinteressada e que

Grandes nações estão empenhadas em destruir vitalidade

só vise a nobreza, a pureza dos humanos direitos! Tudo tão claro, tão procedente, que até estudantes na França e na Inglaterra já saem às ruas reclamando a efetivação desses ideais.

Nós, brasileiros, vivemos um desafio empolgante. Desamar, pulverizar essa hipocrisia internacional. Como faze-lo? Promovendo a edição de livros que revelem o que fizeram os americanos do norte massacrando milhões de índios, servindo-se para essas chacinas do próprio Exército; incorporando com guerra armada parte do México ao território norte-americano, Texas, Califórnia, e sob o pretexto de proteger os países pobres impedir o narcotráfi-

go neles! É o imperialismo ideológico em nome dos direitos humanos! E a Inglaterra que associou à realza a arrecadação feita por piratas e flibusteiros nos mares? E a França, tão ciosa da sua civilização, escrevendo páginas de selvageria e barbárie na Índia e na África. Enfim, o que se impõe a todos nós, é divulgar, esclarecer notadamente moços e estudantes, o máximo

Evidência do complô não deixa qualquer margem a dúvida

de esclarecimento e divulgação e fazer que sejam editados livros que façam tais revelações para arrancar desses calhordas e tartufos internacionais a máscara odienta do cálculo de conquista de mercado. Querem acabar com a soberania, o estado, a Nação. O Deus de hoje é o mercado! Mostrar a verdade é o caminho da solução.

Carlos de Araújo Lima é escritor e jornalista

ALENCAR E SILVA

SOB VESPER

*Eis-me diante de ti e não nos vemos
através dos cristais estilhaçados.
Eis-me diante de ti, foices mortais
ceifando-me trógal de tempos findos.
Eis-me diante de ti sem o meu corpo
ou sua sombra tatuada de cartcias.
Eis-me diante de ti e não me vês
a mim que te busquei na longa noite
e nas luzes que fendem os oceanos
e no fundo de todos os abismos
e na cripta de todos os silêncios.
Eis-me diante de ti, trago-te ainda
os jasmíns de crepúsculos divinos
Eis-me diante de ti e não nos vemos
através dos cristais estilhaçados.*

EIS-ME DIANTE DE TI E NÃO NOS VEMOS

*Antes que o grande vendaval me afaste
do teu corpo de pássaros e rosas,
deixa que eu cante uma canção sonâmbula
sob as luas ciganas de teus olhos.
Antes que o grande vendaval me arraste,
deixa-me ter-te como um lírio aberto
na hora crepuscular da tarde ardente
numa varanda toda de jasmíns.
Antes que o grande vendaval quebre a haste
das rosas últimas e só espinhos
cerquem-me a fronte - deixa que me mirem
teus olhos, como sempre me mirastes.*

*E eu canto, amor, uma canção de outono
para inundar de pássaros teu sono.*

Para Paulo Bomfim, Súdito da Noite

Jorge Tufic

*Como agulhas de sol, tecendo vão
teus dedos sobre a pele da manhã.
Tremulam bandolins, sombras de lâ
nos conduzem, depressa, à inventação
de mares e saudades; por assim
dizer, às cordas íntimas do poeta
que mercedamente se completa
em "Súditos da Noite"; esse Bomfim
que lemos e seguimos, mar-a-mar
rua por rua, valsa contra valsa,
ardendo em grãos de areia! Fonte e lagar
brincam de acontecer: e o instante se alça
para dentro de nós, tão prolongado
que nos leva do sonho ao que é sonhado.*



Apoio: Governador GILBERTO MESTRINHO